

A IMPORTÂNCIA DA LEITURA NA INTERPRETAÇÃO MATEMÁTICA: DUAS PRÁTICAS QUE NÃO PODEM SE DISTANCIAR

LUCIANA MORAIS DOMINGUES (UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL).

Resumo

A maioria dos alunos refere-se à matemática como algo difícil, que muitas vezes não tem utilidade prática, acredita-se, entretanto, que a solução a esses pensamentos seria constatação da falta de bases interligadas com a prática. Sendo imprescindível o professor dessa disciplina conduzir o aluno e, por conseguinte, levá-lo sempre aos modos aplicativos do seu cotidiano. Nesse sentido, é notório que a leitura é indispensável para a formação humana; o contato do ser humano com a diversidade de gêneros textuais possibilita ao homem ser livre, pois a leitura medeia o processo de transformação que assegura aos indivíduos serem construtores de uma vida mais independente e segura. Nessa perspectiva, o trabalho está alicerçado na literatura infantil dentro da ótica da matemática, pois se trabalhada de modo adequado em sala de aula, pode unir sensibilidade e conhecimento e levar o leitor a instigar reflexões, pois o professor em sala de aula pode criar situações que estimulem a familiarização e a compreensão com a linguagem matemática. Observa-se, contudo, o grande distanciamento nos dias atuais da linguagem matemática com a leitura, visto que é sabido que essa barreira existe em sala de aula, sendo de suma importância aplicar conceitos matemáticos à realidade do aluno. Para isso é necessário que existam atividades desde a mais tenra idade, pois estes sujeitos estabelecerão conexões da matemática com a literatura. Logo, as crianças ganharão aptidões que serão pré-requisitos para obterem pensamentos analíticos e criativos e os envolver na resolução de problemas mais complexos. Portanto, cabe ao professor desenvolver competências e conteúdos nos quais ele passa de transmissor do conhecimento a facilitador da aprendizagem. Isto significa que o professor deve deixar de ser o repassador do conhecimento e passar a ser o criador de ambientes de leitura/aprendizagem no processo de desenvolvimento intelectual do aluno.

Palavras-chave:

Leitura e matemática, Literatura infantil, Facilitador da aprendizagem.

1. O ATO DE LER NA EDUCAÇÃO MATEMÁTICA

O aluno concebe a matemática como algo difícil, uma disciplina sem utilidade, diante disso, é preciso demonstrar a sua relevância deslocando-a aos modos aplicativos de seu dia a dia.

A leitura confere aos indivíduos a passagem para o mundo transformador, onde necessita fazer parte do cotidiano dos educandos, isso significa que o ato de ler deve ser permanente para afirmação do sujeito, pois, o mesmo humaniza o indivíduo, de modo que sem ele não poderíamos entender, discutir e consequentemente adquirir conhecimento.

Nessa linha de pensamento, Antonio Cândido (1995 apud CHIARETTO, 2008) ilustra a importância de humanizar o indivíduo, pois, para o autor, é o ato de alimentar a sua imaginação.

Assim para o mesmo, a importância da leitura está atrelada aos princípios supremos da dignidade humana, para o autor supracitado os homens são despojados de condições de exercerem o hábito da leitura. Demonstra, ainda, que a humanização é o processo que confirma no homem os traços que consideramos essenciais, como o exercício da reflexão e aquisição do saber.

Por isso, compreende-se que a leitura deve ser estimulada desde a infância, para que o indivíduo cresça e perceba que essa prática é algo importante e prazeroso, pois é a leitura que proporcionará a capacidade de interpretação.

Nesse prisma, o intuito primordial desse trabalho é identificar a importância da leitura frente às dificuldades dos alunos ao se depararem com exercícios matemáticos, focalizando, nesse estudo, metodologias alternativas para o ensino da matemática, visando disseminar a necessidade do uso da mesma no dia a dia dos alunos.

Logo, esse estudo objetiva dinamizar a aprendizagem desenvolvendo-a de maneira significativa e prazerosa, fazendo com que o aluno sinta a necessidade dela na solução dos problemas de seu cotidiano, tendo assim mais liberdade para o seu pensar e raciocinar.

Visto que, cotidianamente, estes são levados a aplicações mecânicas, isto é, às fórmulas prontas, onde não exigem dos alunos a interpretação das questões. O caráter que é disposto na escola é baseado na aplicação de regras, a um processo automático, ao invés da compreensão dos significados (HEREBIA, 2007).

É o que se retrata atualmente, os livros de matemática são utilizados apenas para a resolução dos exercícios, por conseguinte, os alunos concluem seus estudos sem condições de estabelecer a interpretação dos textos escritos em linguagem matemática, e, conseqüentemente, sem ter aptidões que são consideradas vitais no processo de aprendizagem como: a autonomia e a maturidade.

D`Ambrosio (1990) assevera que a educação matemática é instrumento útil, uma vez que a linguagem matemática está presente em diversas atividades humanas, sendo praticamente impossível pensar o contexto atual sem que a matemática esteja presente, e esta percepção evidencia a importância do domínio da linguagem matemática (FELISBERTO e LOPES, 2009).

O ideal que se sugere não é separar essa linguagem da leitura, visto que essa habilidade será necessária para desempenhar qualquer tarefa matemática.

Nesse sentido, compreende-se que a matemática possui uma linguagem própria, contudo, necessita vislumbrar o ato de ler antes de qualquer outro exercício, pois a leitura precede qualquer operação matemática.

É preciso disseminar em sala de aula o raciocínio lógico com contextos mais significativos, e aproximar a leitura à capacidade do aluno.

A escola atual não contempla a leitura atrelada ao cálculo, introduz as contas de forma descontextualizada. A ausência da interpretação torna o meio do desenvolvimento dos exercícios cansativo, o que poderá provocar no aluno o desestímulo em resolvê-los.

A necessidade de otimizar a leitura é detectável, por isso diagnosticou-se que para o estudante tornar-se um bom resolvidor de problemas fica indispensável criar

oportunidades contínuas e diversificadas, que forneçam subsídios para o desenvolvimento do domínio de vocabulário.

Portanto, cabe aqui observar que ler e interpretar são os atos que alunos e professores mais sentem falta, pois nota-se que os estudantes não conseguem compreender quais são os processos que devem ser aplicados para resolver os problemas, se é adição, ou subtração, logo, não existiu a leitura (HEREBIA, 2007).

Essa dúvida não pode existir, para Bellenger: "Ler é mais do que deixar os olhos passearem sobre as palavras, é mais do que se concentrar, compreender e assimilar" (BELLENGER, 1979: 94).

Portanto, analisa-se que a leitura dentro dos parâmetros matemáticos, vai além do processo mecânico de decodificação de um enunciado; ela proporciona ao leitor sua própria interpretação do lido, além da possibilidade de ele se posicionar diante dos fatos, criticar e a de participar do mundo que o cerca, indo além da pura e mera recepção.

2. A Leitura na Interpretação Diante dos Problemas Matemáticos

Ao se propor alternativas, há que se recordar que a leitura gera conhecimento e ajuda a enriquecer o aprendizado, mas, infelizmente, no Brasil, ainda é baixo o número de leitores, pode-se perceber isso por meio dos índices de avaliação de leitura como o PISA[1] (Programa Internacional de Avaliação de Alunos).

Percebe-se a importância da matemática, como todas as áreas, cabe a ela também estimular o hábito de ler, pois a leitura é indissociável para formação do aluno, não responsabilizando somente o professor de português.

O aluno, além da capacidade de ler o problema para resolvê-lo, deve ser capaz de relacionar a linguagem materna à matemática, para selecionar as informações, identificando a lacuna para, enfim, efetuar as operações matemáticas apropriadas à solução do mesmo. (HAYDU; COSTA e PULLIN, 2006).

Aparentemente, o professor de matemática não está preparado para atuar na formação do aluno enquanto leitor, ora pela sua má formação, ou pelo simples fato de não ter bagagem para favorecer um ambiente de leitura, sendo assim, o educador deve rever suas práticas e desenvolver propostas renovadoras e inovadoras.

Para D'Ambrosio (2004), o despreparo do professor de educação matemática está interligado com a formação deficiente, isto é, as defasagens dos conteúdos das licenciaturas.

Como resposta as faltas, o trabalho acentua o incentivo e o ato de leitura, como ações necessárias que dependem das práticas de interesse das diferentes realidades dos alunos, nessa perspectiva, o educador deve valorizar o contexto social dos seus alunos, ou seja, a realidade em que estão inseridos acredita-se que esse é o caminho para um planejamento eficaz.

O professor nesse contexto, antes de qualquer ato, precisa ser um sujeito leitor, só assim poderá ajudar os seus alunos a serem leitores. (LAJOLO, 1984; MAGNANI, 1995).

Os educadores devem levar os alunos à autonomia, sendo preciso lançar estratégias para resoluções dos exercícios, é fundamental dispor o poder matemático aos estudantes, corroborando, assim, para compreensão da estrutura matemática.

Para D` Ambrósio (1994 apud ALVES, 2005):

[...] a verdadeira educação é uma ação enriquecedora para todos os que com ela se envolvem, e sugere que em vez de despejarmos conteúdos desvinculados da realidade nas cabeças dos alunos, devemos aprender com eles, reconhecer seus saberes, e juntos buscarmos novos conhecimentos (p. 23).

Essa ação leva o educador a se tornar um mediador, e não somente o repassador de conhecimento, uma vez que o aluno carrega consigo conhecimentos que adquiriu ao longo de sua vida, e este conhecimento de mundo deve ser contemplado pelo professor (FREIRE, 2000).

Segundo Ribeiro (2004), a matemática se torna mais prazerosa e proveitosa trazendo assuntos da realidade do aluno por meio de questões verdadeiras, pois assim ele percebe que a matemática não nasceu em sala de aula, e sim por necessidade.

Um exemplo disso, é calcular em quais pacotes de biscoito cabem mais, qual o mais caro se é o redondo ou a quadrado, em época da festa junina fazer com que o aluno perceba quais modelos de bandeirinhas usaria menos papel, ou, por meio de uma história infantil com animais, calcular através de gráficos quais os maiores, os menores.

3. A Introdução da Literatura Infantil na Matemática

A literatura infantil é apresentada nesse trabalho como uma prática pedagógica aberta, isto é, que admite a criança conviver com uma relação ativa, neste instante apresenta-se à criança a fantasia próxima do real, onde este auxiliará a compreender a realidade.

Em contrapartida, muitos professores no seu imaginário têm a percepção que os leitores literários se distanciam da vida real, pois a fantasia para estes é um modo irreal, aquilo que não tem valor prático, ao fantasiar consistiria em estar permanentemente iludido.

Com equívoco, estes educadores não percebem que a leitura do texto literário suscita no leitor vivências que enriquecem o repertório do indivíduo. E mal sabem que é a escola que se distancia da vida real das crianças (SMOLE, 2000).

A leitura literária tem então a missão de diminuir este tal distanciamento, é o que elucida Zilberman quando afirma que: "[...] o texto literário introduz um universo que, por mais distanciado do cotidiano, leva o leitor a refletir sobre sua rotina e a incorporar novas experiências" (ZILBERAMN, 1990: 19).

A literatura infantil na sinuosidade da matemática seria um recurso que estabeleceria uma linguagem aproximada, articulando significações e ligando etapas de raciocínio. Analisaria de perto os procedimentos que as crianças adotariam para resolver os problemas matemáticos, chegando ou não a uma solução.

É necessário diante do proposto, valorizar os vários caminhos que as crianças utilizam para se chegar a uma mesma resolução, visto que, muitas vezes, o medo de errar torna as crianças temerosas em se manifestar, portanto é indispensável lançar atividades do seu contexto social, e, a partir daí, propiciar a troca de opiniões sobre descobertas e raciocínios matemáticos.

Pois, o desenvolvimento da leitura literária nas crianças resultará num enriquecimento progressivo no campo racional, por isso, é importante analisar a matemática em conexão com a literatura infantil, uma vez que a literatura poderia ser instigante para levar as crianças a pensarem algumas noções matemáticas e assim elas explorariam a matemática e a história ao mesmo tempo, e, com isso, pode-se explorar o aspecto social e cultural da matemática.

É importante encontrar sentido nos símbolos da matemática e compreender seus significados, as crianças precisam refinar e organizar seus pensamentos para, finalmente, interpretar e resolver os problemas.

A literatura infantil convida o leitor a usar uma variedade e habilidade de pensamentos, se utilizarmos o aspecto lúdico e da fantasia, incentivaremos que a criança compartilhe do jogo da imaginação.

O professor, antes de tudo, tem que ser leitor, ele próprio necessita descobrir a "senha", precisa contagiar o aluno a gostar de ler, tem que disponibilizar bons livros que expressem sentimentos objetivos e autênticos, possibilitando aos alunos o contato com os livros, manuseando, folheando até que a curiosidade seja despertada (SMOLE, 2000).

O educador deve mudar, assim, sua postura em sala de aula, ao invés de dispor problemas padrões que intensificam no aluno certa fragilidade, deve-se propor conteúdos que promovam a aquisição de confiança na resolução dos problemas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do artigo apresentado, detectou-se que a literatura infantil estimula nas crianças a interpretação sendo um elemento essencial para a melhoria do raciocínio, aguçando nos alunos as diferentes estratégias para se buscar as resoluções matemáticas.

Dessa maneira, a interpretação pedagógica diagnóstica que o professor deve estar sempre preparado para estimular o aluno perante a multiplicidade de linguagens que o mundo oferece.

Portanto, este estudo aspirou demonstrar que o professor em sala de aula, ao utilizar a matemática e a literatura, deve criar situações que estimulam a compreensão e a familiarização da linguagem matemática.

Assim, a literatura infantil trará multiplicidades de explorações, sendo um recurso rico para desenrolar várias equações, por meio dela os alunos resolveriam os problemas utilizando o texto, e não preocupariam em saber qual operação utilizar, portanto, não apresentariam o medo de errar, teriam mais confiança.

Portanto, se edificarmos essa ideia e a matemática for tratada de modo diferente, ou melhor, dentro dos aparatos da leitura, não teremos aversões a essa disciplina, uma vez que os alunos estariam em contato com o ato de ler e escrever a matemática.

O ideal é trazer a linguagem matemática aos modos aplicativos de sua rotina, para isso acontecer é imprescindível o uso diário da leitura, onde esta aguçaria o raciocínio e a interpretação dos conteúdos matemáticos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, E. M. S. **A ludicidade e o ensino de matemática**. 2. ed. Campinas: papirus, 2005.

BELLENGER, L. **Os métodos de leitura**. Rio de Janeiro: Zahar Editores. 1979.

CHIARETTO, M. Literatura e Educação: uma proposta de inclusão social a partir de Antonio Candido. **XI CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIC**: Tessituras, Interações, Convergências, São Paulo, 13 a 17 de julho de 2008. Disponível em: <[http: www.abralic.org.br/cong2008/.../MARCELO_CHIARETTO.pdf](http://www.abralic.org.br/cong2008/.../MARCELO_CHIARETTO.pdf)> Acesso em: 10 jul. 2009.

D`AMBRÓSIO, U. **Educação matemática**: da teoria a prática. 11. ed. Campinas: Papirus, 2004.

FELISBERTO, K. G. de L.; LOPES, C. E. **O Processo de Leitura e Escrita na Resolução de Problemas Matemáticos**. Disponível em: <> .Acesso em: 08 jul. 2009.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 39. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

HAYDU, V. B.; COSTA, L. P. da; PULLIN, E. M. M. P. Resolução de problemas aritméticos: efeito de relações de equivalência entre três diferentes formas de apresentação dos problemas. **Psicol. Reflex. Crit.**, Porto Alegre, v. 19, n. 1, p. 44-52. 2006. Disponível em: < > . Acesso em: 08 jul. 2009.

HEREBIA, C. de F. B. **Leitura, interpretação e resolução de problemas matemáticos de estruturas aditivas**. 2007. 183f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, 2007

LAJOLO, M. O texto não é pretexto. In: ZILBERMAN, R. (Org.) **Leitura e crise na escola**: as alternativas do professor. 3. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1984.

MAGNANI, M. do R. M. Sobre o ensino da leitura. **Leitura**: teoria & prática, Campinas, ALB, n^o 25, junho, p.29-41, 1995.

RIBEIRO, R. Matemática gostosa é a do dia-a-dia. **Nova Escola**, Brasília. v. 19, n. 174, p. 36-39, 2004.

SMOLE, K. C. S. A matemática e a linguagem. In:_____. **A matemática na educação infantil**. Porto Alegre: artmed, 2000. p. 64-85.

ZILBERMAN, R; SILVA, E. T. **Literatura e pedagogia**: ponto & contraponto. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990.

[1] O PISA é um programa internacional de avaliação comparada, cuja principal finalidade é produzir indicadores sobre a efetividade dos sistemas educacionais, avaliando o desempenho de alunos na faixa dos 15 anos, idade em que se pressupõe o término da escolaridade básica obrigatória na maioria dos países.